

SINTAXE DO TEMPO

Márcio Catunda

Ó: (ANTI-DEDICATÓRIA)

O irresponsável que meteu o ônibus na pista,
de repente, pondo em risco a inocente
vida minha e a vida dos que comigo íam.
Eu ia escutando Mozart e ele não ía.

O covarde que quis roubar-me a carteira,
na noite de um bar, noite aventureira,
com toda desumanidade, faltando com a verdade.
Na madrugada da rua vazia,
eu lia Baudelaire e ele não lia.

O sacana que me enganou no trajeto,
Desafeto, três vezes cara de pau,
cobrando três vezes o preço normal.
Da casa de um amigo quando eu vinha,
Eu tinha amigos e ele não tinha.

Tenho Mozart. Baudelaire e os amigos.
E eles? Aqueles sujeitos mesquinhos,
enfermos de pobreza espiritual,
criaturas mínimas, picuinhas
mordidas da sordidez do mal,
almas emporcalhadas, juízos perdidos.
Espertalões ridículos e atrevidos,
desleais e inexcupulosos bandidos.
A eles não dedico este livro.

NÓS

Eu e a humanidade nos estamos confundindo.
Forjamos um pacto de pecado e culpa,
de dizer e fazer,
mas humanidade em mim repele à semelhante
que está fora de mim.
A humanidade assiste ao espetáculo das minhas limitações,
uma comédia em que sou o bufão.
Ela se diverte com o meu aborrecimento.
E eu vivo com ela num habitat desproporcional.
Sou o histrião da disjuntiva,
protagonista do teatro de vexame.
Irreconciliáveis, só de vez em quando
Deus mostra coerência na irmandade ambígua.
Só de vez em quando se reflete a integração.
Aparte isso, somos ferocidades.
E só de vez em quando Deus faz o prodígio.
De resto, sou canastrão sem honradez desesperada.
E ela diva pulcra dos lupanares.
Suportaríamos se a experiência fosse mais freqüente?

ABOMINAÇÕES

Desaprendi a usufruir da tarde com os pássaros.
Onde a superfície azul e a miragem dos navios?
Outrora vivi alheio aos turbilhões da cidade inóspita,
desfrutando de quietude.
O barulho escandaloso devastou as harmonias.
Como aproveitar o instante que desvanece?
Sobre os quintais já não há plenitude.
O momento é de aberrações.
Fujo do que agora é,
numa espécie de vingança contra o que foi.
Vilipendiaram silêncios e melodias.
Há um sentido trágico de espúrios conflitos.
um nevoeiro de urubus sobre a carniça existencial,
Há fantasmas de melancolia e gente estranha.
Resigno-me a caminhar, angustiado e só.
O mistério é terrível!
Ninguém escapa à foice e ao coice.
Desespero de putrescíveis ânsias e náuseas,

sigo perplexo ante as perversões de criaturas monstruosas.
Reflexos da insanidade universal,
íncubos travestidos de Medusa.
Não invejo a imbecilidade desses convivas,
comensais de dejetos dos festins desprezíveis.

EM DESESPERO PELA LIBERDADE

Uns sentem raiva de viver e explodem o corpo em mil pedaços.
Estilhaçam se estraçalham levando junto os opressores.
Uns, armas empunhadas, vivem a serviço da crueldade.
Outros, metidos numa dinamite, renunciam à vida.
Aos remanescentes legam nuvens de fogo e destroços.
A morte como resposta aos desmandos,
ao opróbrio tenebroso.
Defender-se com a própria vida
e exterminá-la sem medo da dilaceração.
Antes morrer que submeter-se à escravidão.
A viver fustigado por metralhadoras, as ruas vigiadas,
as portas invadidas, a cara onipresente do inimigo à espreita,
o metal dos fuzis reluzindo ao sol,
antes morrer mil vezes despedaçado,
mil vezes o golpe inominável contra si mesmo.
em autodefesa suicida, sobreviver morrendo
em desespero pela liberdade.

O MONSTRO

*Que ventre produziu tão feio parto?
Augusto dos Anjos*

Que estranho laboratório infernal
forjou tal monstro insólito, vezânico,
um fantoche de caudilho imperial,
híbrida aberração de horror tirânico?
Que mórbido projeto colossal
engendrará tal promotor de pânico,
governador da província global,
juiz de guerra, com furor satânico,
que infringe códigos de "a" a "z"?
A humanidade não sabe porquê
nem onde vai levada pela mão
do demente energúmeno que vê
ajoellar-se a seus pés a multidão.

CONDIÇÕES

Se o que vale é a violência, a patifaria e o cinismo,
é que gatunos, descarados e assassinos
estão governando o mundo.

Não cabe eufemismo.

Se exércitos mercenários atacam, pilham, depredam,
fazem de tudo um curral, uma curra geral,
é que o importante é fabricar vítimas,
produzir cadáveres.

Não cabe outro álibe.

Se a agressão forja miséria,
engorda as burras dos ladrões internacionais.

Se o óbolo da infâmia recompensa o homicida,
é que a extorsão é intrínseca ao sistema econômico.

Não cabe fantasia.

Se a fraternidade é palavra proscrita,
e o que vale é a vingança,
o culto da morte com declarações de “boas intenções”,
é que querem tornar o homicídio um ato heróico.
Querem, enfim, que exista uma ética da covardia e do crime.
Não há sofisma.
Para incremento do delírio, mais dinheiro e mais armas,
proclama o incendiário.
Cada tiro gera uma enxurrada de pânico.
O medo faz parte do programa de governo.
Nos labirintos da psicose alarmada,
os territórios ocupados valem esses disparos,
essas detonações e esse medo.
Não cabe outro axioma.

FOTOGRAFIA

O jornal mostra o menino ferido.
Tem nove anos e a perna decepada,
curativos no nariz e nos braços.
As costas manchadas de sangue,
balas encravadas na cintura e um catéter no peito
para evitar que se colapsem os pulmões.
Cercado de uma mulher vestida de negro
e um homem de branco, rostos contritos,
paralizados de horror, medo e sofrimento no olhar.
Há centenas de meninos assim,
estropiados, amortalhados, crivados de metralha,
o sangue jorrando entre mercenários bêbados de sadismo.

ESTIGMA

Por mais que te desdobre em controles,
inspeções, suspeitas, ameaças, espionagens,
não poderás apagar o estigma.

Por mais que exerças arbítrio sobre os excluídos,
submetidos, algemados,
não poderás apagar o estigma.

Por mais que argumentes com estratégias,
calcomanias, supremacias, invulnerabilidades,
agressões, transgressões e desvarios,
não poderás apagar o estigma.

Por mais que espanques, abuses, violentes, esfoles,
que apliques choques elétricos,
que arranques unhas e olhos,
que globalizes a intolerância e a hemorragia,
não poderás apagar o estigma.

Por mais que proliferes feras, pragas, dragões,
por mais que multipliques espadas de fogo,
tentáculos, abominações, garras de fúria e mentiras
nunca poderás apagar o estigma.

INCITAÇÃO AO NÃO-COMBATE

Sabes tu, soldado néscio,
que essa metralhadora te tornará um homicida?

Sabes o que colherás por matares os teus próprios irmãos?
Sabes tu, soldado néscio,
que com cada tiro que disparas
assumes a condição de assassino?
Sabes que és treinado para cometer crimes
e infringir códigos penais
e serás réu perante as leis humanas e divinas?
Não te envergonha carregar essa metralhadora
com que privarás de viver um semelhante teu?
Que a morte da tua vítima pode ser a morte de órfãos
que padecerão fome e desespero?
Que pagarás por todo sofrimento causado às famílias enlutadas, cuja dor
com igual intensidade sentirás um dia?
Não te impressiona o choro convulsivo das viúvas e mães
por causa de teus disparos?
Não desconfias de que o teu gesto produzirá miséria e doença
e que és responsável pelos cadáveres que forjares,
pela infâmia que semearás com tuas tristes mãos,
essas mesmas mãos que deram pão e vida a teus filhos,
à tua mulher, aos teus irmãos?
Não te comove a expectativa de que te matem
e seja tua família relegada ao abandono e à pobreza,
que teus filhos ou tua mãe estejam rezando ou chorando,
ó insensato imbecil?
Acaso não tens sentimento, és uma máquina,
uma máquina de matar?
Mas se tens a mínima consciência
de que produzes a tua própria desgraça,
de que é uma tragédia partires do teu lar

rumo a uma terra ensanguentada,
em obediência a monstros odientos,
e se te reconheces um pária louco,
manipulado por megalômanos idiotas,
submisso a esses enganadores,
livra-te dessa escravidão maldita,
permite a ti mesmo a trégua definitiva,
volta-te a teu próprio juízo,
pára de proceder imbecilmente!
Verás quanto alívio em despojar-te de tão miserável fardo!
Verás que o teu maior triunfo é a deserção!
Teu mais inteligente ato, recusar a violência!
Teu único heroísmo abominar as armas!
Só com a vitoriosa coragem de deixar viver
vencerás verdadeiramente.
Cuidarás das feridas que provocaste.
Consolarás os que afligiste,
e te perdoarás pelos crimes perpetrados.
Depois, regressarás ao teu país,
recordando a terra inóspita
onde a tua consciência abominou a violência.
E já não serás um soldado néscio.

IMAGENS HEDIONDAS

Já não é a imagem do relâmpago bomba,
nem os destroços de carne recolhidos do chão.
Agora os cadáveres armazenados estão gritando,
num espetáculo hediondo.
Outros estão rindo, vencedores da morte,

perdedores mortos vivos,
frios e brancos andando sobre a morte
num necrológio ambulante.
Fantasmas povoam a consciência dos criminosos.
A guerra é esse filme pavoroso.
Não seria melhor um cinema sem tiros?
Uma instituição de vivos, um cultivo de frutos saudáveis?

A SÍNDROME DE CAIM

Vê como nós compramos a ouro
essa carnificina de alhures!
(A televisão mostra um homem encharcado de sangue,
que rola no chão e grita,
enquanto explode um fogo ao redor de uma Igreja).
Mataram índios, massacraram negros,
aniquilam corpos e almas.
E aqui se macaqueia a psicose fascínora.
Assimilamos a paranóia deles,
o sado-masoquismo.
Querem que o mundo aprecie a horripilância,
abominação insana.
Não há um só filme sem tiroteio e espancamento.
Que não seja história de corno,
ou de sindicatos do crime...
E aqui semeiam cizânia e disseminam peçonha.
Querem que nos imbecilizemos,
que nos destruamos uns aos outros
em guerras fomentadas pela loucura.
Milhões de criaturas assassinadas.
Um mar de sangue jorra nos confins da terra.
Eles financiam o fratricídio:
perigosíssimos débeis mentais,
estão enfermos.
De que doença?
A síndrome de Caim.

CONCLAMAÇÃO

Até quando suportaremos o império da violência?

A humanidade se desvairou?
Prevalece a força bruta,
o desmando, a cegueira espiritual?
Estamos no labirinto da inconsciência.
O caos em que imergimos.
Quem tem coragem de dizer não a essa desordem?
Tristeza imensa ver o planeta arrebatado por farsantes.
O mundo rendido à desgraça,
multidões sem emprego, sem terra, sem teto!
O crime como revolta dos ignorantes.
Pior é a situação dos que não podemos nos revoltar
e nem nos conformar.
Assistimos à tragédia com a parcimônia dos imbecis.
Uma legião de proporções abomináveis.
Nessa inércia forjada a ferro e fogo,
nesse consenso absurdo de opressão,
diante da perversidade, da usura diabólica,
da soberba exploradora,
vale a pena acreditar na união dos marginalizados?
Quem expandirá luz sobre o oceano de treva?
Erguer o gládio da instrução contra o vampiro.
Frear esse atrevimento de tentáculos.
Raça de hipócritas, canalhas! Biltres!
Quando veremos a derrocada desses monstrenhos?
Quem profetiza a transmutação do povo amesquinhado,
a metamorfose da consciência?
Quem proclama o aniquilamento da ignomínia,
em nome de um objetivo superior?

DESMANTELO

A cada minuto são assassinadas dezenas de pessoas.
O crime, seqüela fatal do sistema político,
tem nas elites a convivência mais ambiciosa.
Crianças pedindo esmola, sem instrução, sem lar,
dói na alma ver a injustiça e calar.
Dói ver chacina e falcatrua.

Quem ditou essa desordem?
Quem vem desfazer o malfeito?
Quando é que se poderá andar nas ruas sem medo?
Quando é que acabará o tiroteio?
Todo homicídio é um crime duplo:
o assassino, ao matar, mata a si mesmo,
exceto quando mata Ghandi, Lennon, Lorca,
espíritos infinitamente superiores.
Nesses casos é como se matassem a própria humanidade.

MERCADO

Não há poesia nos jornais.
A poesia não tem valor no mercado.
Não há literatura na televisão.
Só o dinheiro tem lugar na mídia.
Violência dá dinheiro.
Tortura e terror dão dinheiro, são competitivos.
Quando o tempo não for mais abstrato
hão de anunciá-lo nas bolsas,
privatizá-lo e levá-lo ao tribunal das controvérsias
para que algum energúmeno pretenda ser dono da patente.

CIRCO

Que prodígio! Que fenômeno!
Venham assistir ao idiota inteligente.

Venham ver o oráculo demente,
o mágico que, travestido de morto, saboreia o coveiro.
O palhaço mutreteiro,
bufão que se crê preponderante.
Venham ver o tropel de especialistas
em desobedecer à natureza!
Venham ver a oligarquia de adutores.
O nepotismo disfraçado de vezo aristocrático.
A intriga como empuxo ascensional.

CAUSA E CONSEQÜÊNCIA

Eis um conceito bizarro de democracia:
substituir um governo opositor
a custa de milhares de homicídios.
O ódio nascerá desses atos infames.
Com as migalhas, a sordidez.

Bombardear outros países, derrubar os seus governos,
a revolta germinará das agressões.
Com os adutores, a autoflagelação.

Com as bombas, o Natal.

Com o petróleo – os disparos.

Uma voz no aeroporto:
“Favor evitar problemas de segurança,
não deixando bagagem desacompanhada”.
Com a cobiça, o metabolismo dos sapos.

Com Dionísio, os pênis arrancados dos altares.

Eis a forma mais cínica de autodefesa:
vincular a força bruta aos valores espirituais,
Devastar o mundo para melhorá-lo.

Outras vozes ecoam no mundo:
“Favor evitar problemas de segurança,
eximindo-se de bombardear o território de outros países!”

NÃO À GUERRA!

O canalha, mãos sujas de sangue, é um tarado.
Outros patifes o apoiam.
Uma chusma inominável se constitui, sado-masoquista.
Eles ditam as leis do mundo!
Passou o tempo do protesto e as bombas detonam.
É contra a humanidade que o crime se perpetra.
É contra todos que avançam os carros de combate
e as explosões dilaceram o orbe.
Bombardeiros despejam mísseis sobre os inocentes.
E os inocentes somos nós.
O genocídio, um dilúvio de fogo,
lança bombas do alto sobre asilos e crianças.
Um povo é martirizado e esse povo somos nós.
Seriam humanos esse grupo de monstros
que patrocina esse cúmulo de ódio?
E seríamos nós esses possessos de soberba?
Somos nós os que desafiam a justiça divina?
Somos nós também os que repugnamos esse absurdo!
Que dizemos não à guerra e ao massacre.
Mas por que esse paradoxo e esse paroxismo?
Por que invadir, oprimir, submeter-se à insânia,
matar-nos uns aos outros,
se estamos matando a nós mesmos?
Somos nossos próprios genocidas,
idiotas ante a intempérie.
Os que gastam milhões de dólares só para matar,

somos mesmo nós, esses insaciáveis?
Somos mesmo nós os réus dessa Corte,
ou os que repugnam esse absurdo?
Somos a represália que não tarda.
Violencia gerando violência.
Protestamos nas ruas de todos os países,
enfrentamos policiais, somos espancados,
levantamos muitas vozes em defesa da paz.
Criamos a nova consciência do mundo,
unidos contra a barbárie, a horrorosa catástrofe.
Basta de chacinas contra os povos indefesos!
Gritamos contra a nação governada pelo louco,
o homicida impenitente.
Somos nós mesmos que denominamos liberdade
essa carnificina?

II

Os cadáveres se levantam.
A juventude grita até à morte.
É justo que os oprimidos se defendam.
Mas até quando o desespero?
Nasiriyah resiste aos ataques aéreos.
Umm Qasr enfrenta as tropas agressoras.
Impostores hediondos comandam o extermínio.
A batalha é necrológica.
Não se rendem os defuntos.
Na multidão maltrapilha e faminta,
à margem da estrada, uma mulher, vestida de negro,
pede água e comida.

Uma criança carbonizada
jaz nos braços de um velho de turbante.
Outros homens gritam, terrificados, ante a morte coletiva.
Omar Ali, de dez anos, tem uma bala no ventre
e olha mudo para o infinito.
Sua família estava jantando.
Morreram com ele as 12 pessoas de sua casa.
Emergirão os cadáveres das ruínas de Bagdá?
Quantos edifícios estremecerão ainda,
vidraças estilhaçadas, o pavor estampado nos rostos?
Com que palavras rechaçaremos o holocausto?
Guerras que convertem bandidos em heróis,
a humanidade escarnecida pelo escândalo.
300 bombas diárias caem sobre a cidade arrasada.
Gasta-se um bilhão de dólares por semana
para financiar esse delito!

O CORRUPTO

Faz pose nas fotos do jornal.
Defende as ações do martelo de fogo.
Oferece voluntários ao holocausto.
Se diz íntimo do imperador dos exércitos.
Lambe o cu do próprio satanás.
Mas não sufoca o rumor de toda a gente.
Ante o passo da abominável estampa,
murmura-se – aí vai o corrupto...
A cidade ardente é seu reduto de escuridão.
Viaja aos portos de altivez.
Quer-se um paladino da simpleza.
Inventa deboche para emular a corja.
Macaqueia o protocolo das câmaras.
Finge ignorar a aversão que suscita.

Cultiva com cinismo o diploma da incompetência.
Mostra sem pejo a carapuça de enganador.
Mas já ninguém duvida do pútrido gesto, das artimanhas,
da máscara de trejeitos.
Ante aquela nefasta fauce,
todos entoam fabuloso unísono: Eis o corrupto!
Vangloria-se do descaramento e da mentira.
Diz-se títere do Hemisfério,
artrópode da selva insana,
espécie da fauna indolente.
Delira, aclamado pelo desespero
e execrado pelo aplauso.
Ao espreitá-lo em covil degradado,
a grita demolidora vocífera:
“estamos fartos do corrupto,
do patife que ludibria multidões,
do cafajeste que compra prosélitos com regalias pascoais,
que macula as mãos com a propina que o diabo cagou”.
No fragor das consciências,
além das massas alienadas,
escapa das bocas a palavra: CORRUPTO!

FUGA NECESSÁRIA

Como fazer para que não percebam
que conheço a psicose deles?
Como suportá-los, sem que eu me torne um deles?
Como não me confundir com a doidice deles?
Como não revelar as nossas diferenças indiscretamente?
Como adaptar-me à pontualidade absoluta?
À subserviência da arte de dizer sempre sim?
À hipocrisia ridente em nome de interesses espúrios?

O PIOR DOS MUNDOS

De todas as atitudes a pior é a violenta.
De todas as violências a pior é a armada.
De todas as agressões a pior é a covarde.

Das covardias a pior é a de um povo que massacra outro povo.
De todas as guerras a pior é a hipócrita.
De todas as ilusões, a pior é a loucura.
De todas as atrocidades a pior é a cometida
sem justificativa.
Imagine dezenas de lutadores de karatê
atacando um paralítico.
É o que está acontecendo hoje no pior dos mundos.

NA ILHA DOS PATIFES

Vê a consumação da estupidez,
a apologia dos instintos inferiores.
A exaltação da calhordice.
Lufadas de óxido de nitrogênio,
o diesel nosso de cada dia,
é a dose do suicídio coletivo.
Se paga pela luz que não se tem.
Um terrorismo em que se atenta contra os patrimônios
e contra a saúde comunitária,
nutrindo-a de partículas de veneno.
É a forma mais sutil de assassinato.
Observa como o canalha debocha:
se tem fila, já está na frente, rápido.
Vê como são espertalhões os putos:
põem cercado na praia e cobram ingresso.
O cafajeste mata, rouba, furta...
Menos um grau na escala pusilânime,
o canalha corta a preferencial,
entra na contra-mão, atrabiliário.
Mesclando empáfia e exibicionismo,
pítecantropo brandindo a marreta,
eis o patife de intenções malévolas:
com algazarra sado-masoquista,
ri como a iena, abraça como o urso,
humilha Catilina em abusar
da paciência dos quem não se acostumam
à excitação primitiva, psicótica,
à barafunda dessa extroversão
de esgares de panteras.
Supõe agora que essa imbecilidade
concentrou-se em determinada ilha

e entende o meu pavor dessa alcatéia.
Não há segundos – todos são primeiros,
portando algum revólver por prudência...
Entende agora a repulsa que sinto
em cruzar o meu santo com o deles.

DISCURSO OFICIAL

Nada: é só distorção deliberada,
ou negligência culpável.
Mas em política tudo se perdoa,
afinal os erros são coletivos:
o povo delega,
os mandatários torturam e matam,
através de voluntários úteis,
uniformes salpicados de sangue.
Sobretudo mentir como estratégia.
O importante é sustentar a mentira
até que se transforme em não-verdade.
Afinal ninguém tem culpa,
já que não houve intenção de enganar,
mas de matar mesmo e a guerra é humanitária.
Que mal existe em liquidar populações?
São medidas inumanas, nada mais,
bombardeios mortíferos e exatos
que os sobreviventes saberão valorizar.
O absurdo está nos atentados
das milícias de insurgentes delinqüentes.
O crime está em não aplaudir os superprepotentes.
Mas o chato é aguentar essa carniça.
Exagera quem fala em hecatombe.
Tribunal sim mas para os genocidas de lá.
Tortura e pena de morte aos bandidos internacionais!
Afinal o mundo está mais seguro ...
O suicídio mútuo nos dois eixos.
A cruzada petroleira vale um mal-estar.
Pior que isso foi o corno Menelau
que por uma só infiel atacou Tróia.

PRAGMATISMO E TÂNATOS

Isso é que é ser pragmático:
se morre alguém, esquece!
O dia borbulha tarefas na caldeira da repartição.
Projetos, compromissos, vantagens a maximizar.
Que importa o morto?
Urge a coisa dos vivos – vivíssimos.
O falecido teve o seu momento e está nos jornais,
na forma de fotografia e editorial.
“Deixou obra digna de antologias,
Pena que seres de sua bonomia
Interrompam sua contribuição à decência.
Paz a seus restos”.

Isso é que é ser pragmático.
Morreu? Era parte de nós?
A nossa parte está intacta
E circula no corredor com nossas ambições.
Importa o que somos. Não quem foi.
E somos esse afolivo de emergências,
esses objetivos funcionais,
papéis imediatos, obsessões, etc.
Quanto à destreza expositiva do morto,
Quanto à família do morto,
Quanto à...

Deixemos disso, não há perdas irreparáveis,
e há autoridades em perspectiva,
há documentos por despachar,
não como se despacha um féretro.
Vamos, sejamos pragmáticos,
declara-me, menos com palavras que com gestos,
o executivo que trabalha na sala ao lado.
É verdade, a morte não tem sentido prático
(nem a vida).

Mas para mim era um poeta
E mesmo que fosse outro difunto
Significaria sempre o mistério.
Era um poeta
- e a poesia não é útil aos planos do interesseiro.
Mas uma imagem me manteve o dia melancólico.
A recordação do poeta Enriquillo Sánchez,
que teve apenas o que deixou por escrito.
Não é preciso ser pragmático, definitivamente.

CIDADE SODOMITA

Não mereceu do mar um grão de areia
a cidade sodomita.
Os mosquitos e a companhia de eletricidade
fizeram um pacto com os vendedores de doce e os dentistas,
e os petroleiros do West com os fabricantes de armas.
Os provedores de combustível regam plantas nos jardins da crise.
Os pintores de garatujas dialogam com os turistas
e até a ardente claridade mercadeia com os ventiladores.
Tudo é comércio nas ruas de luxo e lixo.
Até o ar-condicionado, para o acesso ao artifício do paraíso,
sob a liberdade celestial do frescor,
nos impõe velhacos e indolentes técnicos.
Os guardiães concordam com a escuridão e o desemprego.
A lixeira celebra o seu convênio com os ratos e a carniça.
As clínicas se harmonizam com os buracos das calçadas.
O engarrafamento com os postos de gasolina,
os furacões com a arquitetura e o calor.
Tudo é concordância, até a escolta presidencial
se entende bem com os semáforos apagados.
Os bancos parecem feitos para o FMI
e os soldados para o conflito multinacional.
Os revólveres e as camionetas celebram bodas com o dinheiro fácil.
Dinheiro desinfetado com detergente narco-cabrão.
Tudo é entendimento: cem anos luz de concórdia.

SURDO AOS CREDORES

O velhaco é inacessível como as nádegas de uma monja.
Arisco como os motoristas espertalhões,
Cruel como os play-boys de metralhadora.
É um felino (pra não dizer gatuno)
- está sempre onde não se espera,
nunca onde é esperado.
Reza o “perdoai as nossas dívidas”,
E ainda que não rezasse, não as pagaria e as apagaria.
E as não paga. As não é quem não as apaga.
Que as pague o diabo – príncipe da usura,
ou a concumbina do cura – que de fundos não descuro,
ou o próprio vigário que retirou a frase do sacrário.
Pague-as o penitente blasfemo

ou o puritano incauto.
O velhaco é antes de tudo um hedonista:
“culpa é passatempo de indolentes.
Levar vantagem, competir, agressividade,
isso sim é vocabulário de executivos.
Que sentido terá para o figurão a palavra ética?
Supostamente conhece o termo.
Julgará que é coisa de filósofos arcaicos.
O velhaco é agil – um pé no pedágio,
outro no ágio e outro no acelerador.
É tão sagaz que – dizem -- nem cheira o próprio gás.
Realista: os quatro pés sempre no chão.
Não é nenhum tonto,
no país em que se tem direito a tudo:
da mendicância à degradação da natureza
tem mil razões o velhaco
para arrematar: pagar dívidas é coisa de otário!

CAUTELA

Cuidado com as mordidinhas do Butatã.
Cuidado com a porca que devora os seus melhores filhos.
Cuidado com a sombra do fantasma fictício
E com a asfixia do pseudo-salva vidas.
Cuidado com a cunha da cunhã e com o cunho do cunhado.
Cuidado com a má conha e com a boa conha.
Cuidado com o cão canhestro, com o decano acanhado,
com o cânone acanalhado.
Com o biscoito depois do coito.
Com a carótida do Caronte, com o cérebro de Cérbero
e outros cuidados.
Cuidado com o lobo do homem,
com os urubus, os carcarás, os cardos, as urtigas, os répteis
e outras feras da selva repugnante.
Cuidado com o marca-passo da vigilância.
Com o puxa saco que se dá bem nos cus-de-mundo.
Com o bandido Asmodeu disfarçado de Serafim.
Com o Preboste de palidez marmórea e esgares indulgentes.
Com o riso bonachão do sinistro debochado.
Com os estigmas indolentes do ansioso.
Com métodos de maximização do abjeto.
Com a boca torta do indecoroso.
Com a síncope no abdômen do vampiro.

Com a sensação de sufoco que transmite o maroto.
Com as caretas do tremebundo que de tudo tira proveito.
Com a dúbia risadinha do mesquinho.
Com aquela ladainha hipócrita da figura eminente.

AVISOS FÚNEBRES

Não posso continuar assim, tendo uma casa assombrada na alma.
Clarões de lua nos espelhos, nos vãos sombrios de escada,
Nos porões silenciosos.
Há mulheres armadas para o martírio,
fragmentos de gente pelos ares.
Por trás das colunas e paredes escuras,
os fantasmas se apoderam dos gatos
que gritam danadamente sob o influxo lunar.
Os refugiados afogam-se num charco de sangue
Os homicidas traficam à ponta de pistola,
Os agentes de segurança cobram para não assaltar.
O cartel bélico tem sequazes confiáveis.
Horrores espetaculares
transitam ao redor do matadouro
Governos delinquentes estampam ícones de altivez.
O transbordo das armas atômicas,
pedras contra tanques, gritos contra mísseis.
O soldado que dispara contra o medo.
Noite de velório sobre o mundo.
Quem pode continuar assim?

O MASSACRE DE JENIN

Crianças choravam e corriam.
Famílias se escondiam nos porões.
Franco-atiradores disparavam de cima dos prédios.
Helicópteros “apache” jorravam mísseis,
despedaçando casas.
Tanques passavam sobre os habitantes,
71 mísseis foram disparados em menos de 30 minutos.
Os tanques e mísseis devastavam tudo.
Entre corpos esmagados,

os que fugiam eram executados.
Ouvem-se ainda tiros,
enquanto os pequeninos choram de frio e fome.
Há crianças que pedem explosivos para a vingança.
A destruição foi total, avassaladora e desesperante.
De vez em quando um corpo é encontrado.
Nasser Abu Hatab, deficiente mental,
foi alvejado uma vez na cabeça
e nove vezes no peito.
Hafaf Dusoky foi assassinado através da porta que bateu
para que não entrassem os invasores.
Os assassinos espreitam.
Fedem os cadáveres insepultos.
De tudo (prédios, ruas e casas)
restou uma vasta cratera de entulhos.
Hoje, o holocausto é na Palestina.
Nas aldeias arrasadas da Palestina.

DA ZOOPROTEÇÃO

É crueldade maltratar os animais.
Há que erradicar o crime contra esses pobres seres.
Toda a Europa reprime esse delito
e os Estados Unidos impõem a cominação
e a punição dos delinqüentes
que matem qualquer tipo de animal,
(exceto os de inteligência superior).

APOSENTAI-ME, QUE NÃO SERÁ TARDE

Aposentai-me, que não será tarde.
Não nasci para preocupação e alarde.
Preciso de tempo para a vida.
A nação ficaria agradecida.
Eu, livre da rotina dos ascetas,
anunciar-me entre os poetas.
Livre de angústias e quebrantos,
deleitando-me nos dias santos.

O prêmio azul dos domingos!
sem multidões no deserto íntimo.
Emprestar ouvidos ao silêncio,
e aos amigos afortunados, incenso
nas manhãs de um quintal,
sem coturnos de pisar lodaçal.
O estúpido exercício constrangedor
de sentar-me diante do inquisidor.
mãos nas moedas emporcalhadas.
seria mais saudável, seria ...
Se eu pudesse aposentar-me
Sem a pesada condição do que sou.
Fernando Pessoa não se aposentou,
Mas viveu em flagrante delíto.

Baudelaire foi aposentado em vida.
Se eu pudesse aposentar-me,
sem a pesada condição do que sou,
sem o maravilhoso estigma, sem a miserável glória.

Mas não, nem isso...

Aposentai-me urgentemente,
Do contrário, verão de quanto um poeta é capaz.
Um poeta apenas, sem penas epistolares,
sem esses esporos insalubres,
seria a fortuna que não se esquiva.
Aposentai-me, para que assumo a minha vida!

PROEZAS DO PINTO BIU EM SEU QUINTAL

Galináceo de rapina,
ganha um troféu de frangueiro
com pavio e lamparina
nos quintais do galinheiro!
Com inexorável crina,

um par de ancas tocou,
e o sexo ao fone afinou.
Onde meteu o charuto
já não sabe o Pinto astuto.
Tá cego e sem estribeira?
Qual touro no labirinto,
erguendo o pau da bandeira,
sempre de frangas faminto,
fez do ofício um mictório,
fez, caduco e compulsório,
da secretária bombeira.
Fez fogo e deu-lhe a mangueira!
Piro-pinto tão peralta,
protetor de franga incauta,
saltando, brabo, na rinha,
por sobre galo e galinha,
com os estalos de dez galos
estorrece o mundo inteiro.
E não lhe pisem nos calos
que o pinto, sem ser surfista,
está na onda da crista.
Prodígio tal não se vê!
Pelo cano entrava o Pinto,
saindo pela TV.
“Senhores espectadores,
vejam se minto ou não minto”,
Há um pinto que pinta a cores,
Pinto-Cupido de amores,
Pinto que vale por trinta.
Falta brocha, falta tinta.
o pintor não que não pinta,
grita o Dr. Biu – eu pinto!
Há um pinto que fala em público!
E é chamado pinto lúbrico!
Pinto velho, bicho-fera,
Pinto filho da utopia,
muito além da estratosfera,
Pinto que fala e não pia.
Pinto de falo na mão,
E com pinta de pavão
Canta no quintal da máfia!
Pinto de briga e de empáfia
Falácia! Um pinto viril!

Democrácia! O pinto é vil!
Um Pinto que caça intriga,
canta de galo de briga,
matreiro, em todo terreiro.
O capote diz, cabreiro:
“vai buscar o teu poleiro!”
Não dê costas ao Pintaço,
de espora, ferrão de aço.
Esse arauto do Ocidente,
cantando, sem dissidente,
nessas continentais granjas,
não dá canjas, grita airoso
o Pinto Bui, varonil,
ao faltar-lhe algo precioso:
“meu reino por um xibiu!”
Rompe o ovo do Kossovo.
com pinta de macho novo,
dá esculacho o pinto chato,
nos exércitos da Nato.
Com fama de carnicheiro,
cangaceiro do Nordeste
quer ser o cabra da peste?
Como Lampião, rei dos ricos
ou um covardão nos penicos?
Um velho capão malvado!
Sem usar foice e machado,
galináceo de alçapão,
quer ser herói do sertão?

O DENTISTA BARBEIRO

Se não és doido ou capenga
e tens amor aos teus dentes,
olha a broca do Alvarenga!
Banguelas são seus clientes.
Se queres ter boca oca,
entrega-a à mão boba e louca
ao tal carrasco velhaco
que em ciso e molar buraco
faz. E osso faz virar bago.
Com a perícia desse mago,

mão de urtiga, de urubu,
quem pode comer cajú?
Fecha a boca ao charlatão,
verdugo da dentição,
cujo mesquinho ferrinho
corrói mais do que piranha
e abre túnel como entranha.
Cuidado que o Torquemada,
o odontólogo arqueólogo,
o terrorista de arcada,
te prepara a dentadura.
Não comerás rapadura.

UM ACHADO

Não é a virulência climática,
não são as intempéries,
mas sim a sociedade dos homens hetáiras:
Neros, Calígulas, Herodes e Putifares,
devassos, depredadores de bens públicos.
Dir-se-ia que os vilões da história
reencarnaram entre esses gorilas de Cro-Magnon.
Gente astuta, a reles poluta
das taperas pífiás que provocam imprecações.
Do mosquito que pica feito serpente,
da afabilidade como embuste,
do *apartheid* com 64 tonalidades.
Há segregação em todos os sentidos, menos no sexual.
O instinto é maior do que o orgulho.
E na irracionalidade dessas cabeças pétreas,
o culto da fertilidade é um vezo inconsciente.
Uma meta: bater o récord dos coelhos em fornicção.
Na desordem consentida pelas corjas,
Até o mar foi conspurcado. É isso a pocilga invejada?
Peçonha disseminada no ar,
ouro que os porcos transformam em merda.
Estranha alquimia!
O oportunista não puxa saco: massageia o ego.
O bisbilhoteiro é o rei das oportunidades.
Feijão e sonho são feijoada e pesadelo.
Prometeu roubou fogo do céu e iluminou a humanidade.
Aqui roubam luz da cidade e compram jipeta.

Ganhar dinheiro fácil, imitar Zeus-Garanhão,
Eis a crise (crônica) da lucidez.
O elogio da preguiça e da obscenidade
é o ato heróico desses infelizes.
Hostilidade que faz inveja aos tigres,
Propensão compulsória ao escândalo.
A absurda estreiteza mental.
Cadê o lastre do banco?
O ratão comeu.
Cadê a energia elétrica?
O ciclone levou.
Cadê a vergonha do povo?
Sumiu entre zancudo e bandoleiro.
De resto, a escória da avareza e da usura.
“O povo é bom, o que falta é educação”,
afirma, eufemisticamente, um cabrão
travestido de touro, sonhando arrebatado Europa.
O delírio dos adoradores de falos.
Os homens-Fedras e Medéias
garantem que o crime compensa.
Apoderar-se do alheio, essa obsessão de ganância.
Numa palavra – vulgaridade!
Aqui, cartesianamente, a polícia está para os cafajestes,
como o perfume não está para o excremento.
Arbitrariamente, a democracia está para a depravação,
como a liberdade para cometer qualquer crime.
A violação é louvada com histerismo.
A impunidade, geral e irrestrita, campeia em todos os extremos.
Sodoma e Gomorra– não cumprir as leis é uma questão de honra.
Nem a macumba de ultratumba
ameniza essa insídia cachorra.
O abuso é uma ordem, uma urgência!
Nem Ghandi nem Lumumba
acende a lâmpada da razão
na noite escura dessa confusão.
Sartre não conheceu a verdadeira náusea,
a lídima repugnância do outro.
Andasse ele nessas plagas,
saberia o que é a angústia nas vísceras trapezistas.
Quem mete a mão na toca do asqueroso?

PSICO-POÉTICA

Tendo observado a conduta de alguns dos meus amigos
e a do seu próprio filho,
afirmou minha mãe, não sem razão:
doidos são todos os poetas!
Nada mais anormal que um poeta
aproximar-se do homem normal,
confirmou Jean Coucteau, poetíssimo.
Poeta em progressão geométrica,
medito agora sobre tão doutos juízos,
e fico perplexo ante o extremo de minha normalidade,
e a doidice sem fim dos não-poetas.

AOS EDITORES DE SHOPPING

Em livrarias que são cemitérios da cultura,
há editores assassinos da literatura.
Rematados paspalhões, diabos velhos astutos,
embusteiros de prontidão, os putos
editam letras para analfabetos, espertos.
Letras lidas com enfado, artes de enganar safado.
Obras que são sobras que sossobram da usura,
é por demais a frescura!
Obras que incitam ao insulto, burrices de possesso astuto.
Vendilhões de grandessíssima asneira,
Um fardo de cegueira e elogios a Belzebu.
Obras para ser lidas com o olho do cu.
Como abolir essa patifaria?
Um mar de pornografia
de Quevedo, Bocage e Gregório
me inspira esse desafeto empório.

NO TEMPO FUTURO

Quem viu no tempo futuro
que o mundo seria mais puro?
Na nova era irrisória,
veio turbamulta inglória,
as consciências apodrecem,
chavelos do cão cresceram
e os escrotos dos esgotos,

gángeters e amigos da onça,
vão tocando a jeringonça.
Heróis da guerra das raças,
da destruição das massas.
Cadê o milênio? Gorou.
Quem foi que profetizou
a vida estrada florida?
Veio o inferno vaporoso,
simulacro do mafioso
e da diáspora mental.
Pobre profeta banal
que sonhou tudo ao revés!
Meteu aos mãos pelos pés,
viu os sorrisos de Deus,
inflorescências nos breus,
e paz nos jardins da Terra.
Viu quimeras nessas feras.
O desdém dos libertinos
rouba o milênio de vez.
E o deboche dos cretinos,
assaltou a sensatez.

E o mago da candidez

em seu mais pulcro delírio

esqueceu-se do colírio?
E em seu idílio inda sonha
com jardins na Babilônia,
o profeta sacripanta
que bebe mijo de anta.

UM CONCEITO DE INFERNO

Dizem que o inferno é uma prisão de ar pesado.
De metais pesados, de gente pesada,
(no sentido apelativo da palavra).
Gente afeita à corrupção e ao cinismo.
Onde será tal precipício?
Tinha razão o medievo.
O inferno é quente, tem lixo nas ruas,
e está cheio de avaros e meliantes.
Roga a Deus que deixem ao menos as tampas dos esgotos.

Não é o Hades de Calímaco,
Nem o Averno de Aristófanes,
é um âmbito de habitantes desqualificados.
Uma pedra triste no oceano das civilizações.
Por que ignoto motivo
Engendrou a natureza essa falange de possessos?
Que será destas hordas que se perpetuam na ignorância,
Guiados por tarados impenitentes?
Tristeza disfarçada de tumulto.
Feiúra e fúria réproba
que se extravasa em pândega.
Diz-se que há um planeta para essa canalha.
E um país e uma cidade própria...
O filósofo imagina-se um estranho no ninho.

A INEXORÁVEL TORPEZA

Só vezânia de destruição.
Ímpeto atávico de bandoleirismo.
O delírio continua.
De Nayaf a Basora
os mísseis destróem até os cemitérios.
Granadas e vísceras explodem
no combate entre tumbas e oleodutos
que ardem entre sequestros e execuções.
O fogo santificando a guerra.
A guerra é onipresente.
Não lhes parece monstruoso matarem-se entre sí.
Para eles, o homicídio é uma brincadeira.
A calamidade é sobretudo mental.
“Tortura é uma técnica, minha gente!”
Arrancar membros e fraturar crânios
é a sofisticação do método.
Falência de órgãos é acidente de procedimento:
afogamento simulado,
equilíbrio sobre um caixote
com fios elétricos pendendo dos braços...
Coisa de pequena monta,
“Não há luta desigual, desde que não seja nossa”.
opina um periodista mercenário,
“danem-se, querem sangue?”

aduz o “Pilatos”, arengando aos leitores de província.
A matar gente, com tanques e granadas,
até tirar petróleo do nariz!
Agora somos todos *kamikases*,
à espreita de um crime autruísta.
A luta continua,
ou melhor, a guerra, o *apartheid*. O xingamento.
Não é a luta da sobrevivência,
é a da deslealdade, da máscara de gás, da ferocidade e da truculência.
Pedras na boca de Cronos,
estigmas nas fauces de Caim.

A TELEVISÃO

Um monte de puta e de vagabundo,
os filhos de Caim mais sem-vergonhas,
os crápulas mais perversos do mundo,
o foco das intrigas mais medonhas.
O ridículo besteiro rotundo,
um punhado de taras e peçonhas,
toda essa chusma de patife imundo,
tudo miséria ou coisas enfadonhas,
é o que se vê pela televisão.
Não um retrato, mas caricatura
da humanidade estampa o aparelho.
O ódio, a cretinice, a violação,
mostrados nessa caixa de loucura,
são da imbecilidade o grande espelho.

GENTE E GENTINHA

A gente quer sombra e água fresca,
a gentinha monopoliza a sombra
e entra na água de camiseta, bermuda, copo de cerveja e gritaria.
A gente quer luz e harmonia,
a gentinha, trevosa, afana o clarão,
chafurda nos buracos, morcegos execráveis.
A gente quer trégua e silêncio,
a gentinha estardalhaço.
A gente vaticina profilaxia,

a gatinha boicota a limpeza pública.
Dragões pestilentos jogam imundície na natureza,
até o vento ficar furioso e atacar o continente.
Gatinha, populacho tacanho!
A humanidade é isso:
uns querendo que os outros se explodam
e cada um que se defenda como puder.
Se a gente quer sobreviver,
a gatinha induz a gente a se precipitar contra o furacão.
Por conveniência da gatinha,
a gente que engula sapo.
A gente quer paz e vida,
a gatinha alardeia tumulto,
concita o caos e atrai tempestade.
A gente tenta ascender decentemente,
a gatinha não nega a descendência e a excrescência.
A gente vai se afogando na utopia,
de tanto lutar contra a avalanche da gatinha.
Gatinha grotesca!
Povo marcado pelo estigma do cretinismo,
horda doente de avareza,
que subtrai de si o direito à claridade!
Povo infame, da tribo de Belzebu,
egresso da caverna, ao covil direcionado.
Usurpadores do sossego alheio,
vilipendiadores da concórdia,
súcia de abominável conduta.
Semeadores de calamidade.
Raça miserável em todos os sentidos.
Gatinha canalha!

HISTERISMO

O histerismo da raça alucinada,
na forma de buzina é a imbecil
ânsia medíocre, pífia e rematada
dos crápulas da índole mais vil.
Fujo dessa janela em retirada
e demando o silêncio de um redil.
A corja dissoluta, arrebatada,
buzina em toda parte, pulha hostil.
Não há como ensinar civilidade

à escória depravada, rude, inculta
que rouba do mundo a tranqüilidade.
Como detestar menos essa bruta
chusma, cuja venal totalidade,
só entende de sandice e obscenidade?

REFLEXÃO

Deveria eu escrever esses libelos que ora escrevo
contra gente ignara,
gente que ascendeu de súbito
da barbárie à burguesia
e que não tem culpa de própria ignorância?
Mas, se tanto escrevo, é que me moveu
legítimo impulso irrefreável.
Não sei como isentar os insensatos.
Gente que injeta chumbo na alma,
sem consciência da próprio mal.
Seria possível ensinar-lhes a ser menos idiotas?
Estariam eles dispostos a aprender algo?
O silêncio conspira contra o sono.
À noite toda refleti sobre esse dilema.
Dormi dois minutos, talvez.
Gritos, alarmes e lambretas
despertam a cidade miserável.
Amanhece na zona do barulho.

DESORDEM

A José Alcides Pinto.

Sobreviver num pandemônio de cafajestes,
direitos humanos preservados
pela agressão ao direito à vida.
Fragmentos de corpos no chão,
recolhidos como retalhos de açougue.
Fascinoras protegidos por patrulhas.
Dinheiro extorquido à miséria,
massacres em cárceres e avenidas.

Poeta, põe em ordem essa desordem!

Obuses espalham rastros de sangue nos muros.
Espertalhões com aspecto de jumentos,
asnos de casco e berro,
relincham, mentecaptos.
A moda desfila nas passarelas.
A criminalidade galopa nas ruas.
Famílias expostas à desgraça,
exangues nervos e punhais.
Gente que cria rabo, couro, orelhas góticas,
na obsessão de levar vantagem.
Poeta, põe em ordem essa desordem!

Sobreviver num frêmito de navalha.
No pandemônio de parcas e megeras,
Exposto ao furor de Tânatos,
entre tentáculos de tarântulas.
A produção industrial sobe em proporção aritmética.
O salário cai em proporção geométrica.
A intervenção garante a autodeterminação dos povos.
A igualdade entre os Estados
mantida pela superioridade opressora de um deles.
O azorrague da usura
rebenta no lombo da malandragem,
cavalgadura da própria imbecilidade.
Ruminando a mesmice da própria inépcia,
a caravana híbrida resfolega,
ajaezada de incompetência.
Ridículo espetáculo!
A guerra como defesa da paz.
Telhados em chamas pela justa causa do lucro.
O medo blindado inspira palhaços de prontidão.
Pífio tropel de fauces e cabrestos.
Empacam focinhos nos guichês, nas cancelas,
estalam látigos em lombos e patas,
hábeis só no coice.
Montaria cultivada nos currais da república.
Poeta, põe em ordem essa desordem!

GEORGE HARISSON

Os jornais hipócritas pouco falaram
do atentado que sofreste, boníssimo George.
Nas ruas não há luto e choro.
A ignara a raça humana desconhece
o que é deixar o mundo consciente de Deus, sem medo da morte.
Os periódicos funcionais lembram Fab Four, The Quarry Men
e Abbey Road,
os fãs escreveram “You will always inspire us our sweet George”.
Mas pouco falaram das facadas levaste, já enfermo,
do filho da puta, reles patife, torpe hiena
que te agrediu em Oxfordshire.
Como se fosse normal um merda qualquer atacar
um ser inofensivo e delicado.
Neste covil de demônios e ratazanas
apunhalam poetas generosos
e os jornais, hipócritas, silenciam.
Nada dizem da lealdade à natureza do bem,
Porque ninguém sabe o que é vida espiritual.
Ninguém tem sensibilidade,
Só John Lennon, em todo o Ocidente,
conhecia, como conheceste, o êxtase místico.
Mas foi covardemente assassinado.
Ninguém mais sabe o que é ser um ídolo.
Quem pode ser revolucionário sem armas ou escândalo?
Quem está consciente de que “tudo pode esperar,
mas a busca de Deus não pode”.
Ninguém se condeou de ver-te o rosto desfigurado.
Ninguém, no continente desalmado,
foi solidário com esse sentimento:
a tristeza do teu angustiado olhar.
Os mercenários falam de sucesso e fama.
Estúpidos! A tua música é para se ouvir meditando!

TRÊS VELHOS MACHOS

Fidel, velho macho,
enfrentaste o império impenitente,
caminhaste com o povo contra embargo,
contra injustiça,
vertiginoso velho,

feroz contra a voz do opressor.
Implacável com os traidores.
Filho da América Hispânica,
fruto sazonado na seara liberdade.
Tufão dos precipícios de Sierra Maestra,
enfrentaste a fúria dos covardes
e os dominaste com teu olhar visionário.
Fidel, velho macho!

Allende, velho macho,
enfrentaste o golpe traidor,
firme no doloroso impacto,
lutaste até o fim contra a crueldade.
Arauto da utopia, mártir da terra austral.
Fiel como o vento das cordilheiras,
Valente como o índio justiceiro.
Impávido, diante do monstruoso assalto.
A multidão que caiu contigo,
grito sufocado, a morte pelas mãos pusilânimes,
sobrevive no imaginário dos pósteros.
Allende, velho macho.

Arafat, velho macho,
debaixo de bomba e horror,
resistindo com teu povo amortilhado,
baluarte da luta nos desertos de poeira,
contaste, em cada homem sacrificado,
um cravo de amargura em teu peito heróico.
Não temeste a violência do ódio,
venceste o medo nas encruzilhadas do espanto.
Nas mãos carcomidas de angústia
tinhas o pão que sustenta uma pátria.
Pai de uma nação martirizada!
Arafat, velho macho.

INSCRIÇÃO PARA UM POETA

*“Enquanto eu mesmo existir
este reino existirá
se morrer um de nós dois,
o outro também morrerá”.*

Gerardo Mello Mourão

O ignaro finge desconhecê-lo.
O néscio escarnece de suas utopias.
O prepotente pisa-lhe as flores da prosódia.
Todos morrem de inveja da força misteriosa
do predestinado nome.
A província tenta esquecê-lo,
a metrópole o rejeita.
Os acadêmicos desdenham-lhe a verve do verbo.
As universidades o alijam das cartilhas pedagógicas.
Apesar dessa torpeza de arrogantes
e do escárnio de sórdidos vilões,
ele ascende aos píncaros da consciência,
e só se curva diante de Deus.
Das alturas contempla os seres rastejantes.
Glorificado pelo espanto das coisas deslumbrantes,
desvenda o segredo de insólitas dimensões.
Constrói um palácio com as pedras que lhe atiraram.

RECEITUÁRIO

Para que cesse essa algazarra do demônio
e a cidade não seja um manicômio.
Para aplacar de vez esses possessos
e exorcisar a fúria dos perversos,
corja que ri de tudo quanto é sério,
haja sarcasmo, blasfêmia e vitupério!

Para infudir juízo a essa rale ,
mais selvagem que a onça e o jacaré,
esses pulhas infames, desalmados,
esses sacripantas degenerados,
cuja conduta suscita espanto e pasmo,
haja blasfêmia, vitupério e sarcasmo!

Para domar o instinto nauseabundo
da malta capaz de extorcionar o mundo,
matilha que envergonha a humana raça,
escória que ri da própria desgraça,
malvados marmanjos com voz de fêmea,
haja sarcasmo, virupério e blasfêmia!

Para regenerar o pardieiro
e livrar-se do golpe trambiqueiro,
ardil que se disfarça de estultícia,
pior que a banda pobre da polícia,
turba venal que não dá trégua ou refrigério,
haja sarcasmo, blasfêmia e virtupério!

FAUNA INSÓLITA

Esse pavão não é mais do que um peru,
esse leão não passa de macaco,
águia que degenera em urubu.
Que colibri? Morcego de buraco!
São rebentos bastardos do rei Baco
e de Hetaíra, caprinos-batráquios?
Crápulas híbridos, de minotauros simulacros.
Cavalgadas de funesto espetáculo.
Unicórnios de bico, bucho e papo.
Cães infernais, filhos de cobra e sapo.
É peixe-boi, é boto e baiacú
a mescla de piranha e cururú.
Patões de angola de boca no cu.
Simiesco corujão de estranho agouro,
raposa que deleite e abutre, que decoro!
Cachorros de quilate e escabroso rabicho.
Que estorvo colossal, que atroz capricho!
Certas transformações de gente em bicho
e a tal espécie de animal demente,
aberração da fauna repelente.

O DISSI(MULA)DO

Se faz de bobo mas é astuto,
pousa de simples mas é pernóstico,
é moralista mas dissoluto,
tem ar de crente mas é agnóstico.

Se diz abstêmio mas bebe cana,
fala qual macho e usa batón,
se faz de humilde mas é sacana,
parece limpo mas é bafón.
Tem mão de seda e unha de gato,
é solidário mas é tribal,
é dispersivo mas carrapato,
pinta de ovelha mas é chacal.
É circunspecto sendo gaiato,
é libertino e quer ser sisudo,
tartamudeia com espalhafato,
quer ser discreto e é linguarudo.
Um puritano quer anda em bordel,
vive sorrindo só de ansiedade,
faz o jejum com sarapatel,
um franciscano todo vaidade.
um orgulhoso que sempre adula,
sem interesse mas na esperteza,
um ilibado que manipula,
um perdulário todo avareza.
Se faz de amigo mas é raposa,
tem convicção e ouve fofoca,
um atrevido que nunca ousa,
inteligente mas é boboca.
Super ativo mas preguiçoso,
de tão banal chega a ser ladino,
se diz ingênuo mas de manhoso,
guarda segredo em boca de sino.

INVECTIVA MÍNIMA

Tem barulho na casa de algum palhaço.
Exibicionistas deambulam com estardalhaço.
Doutos na arte de ser canalha,
bandalhos celerados, a gentalha
na treva premedita algum engodo,
afeita sempre a tripudiar a rodo.
Devassos pela falta de critério,
quicá tramam roubar o cemitério,
tal é a vocação para a felonía
e seus métodos de patifaria.
O golpe da justiça não redime
a eficiente organização do crime

desses crápulas de sanha infeliz,
ridículos patifes imbecis.
Campeões no aspecto da feiúra,
da falta de caráter e da frescura.
Hábeis no roubo, com maestria,
conhecem as técnicas com que se ludibria,
com toda a perversão mais vantajosa
e a perícia mais ignominiosa.
Cultores do asco, da porcaria,
dotados da índole do escorpião.
Kafka por certo se suicidaria
ante essa caótica escrotidão.
com que blefam esses magarefes,
dignos de sovas de tabefes.
Cada qual se julga um sultão,
invejosos asnos sibaritas,
energúmenos sem civilização,
sicários, truculentos trogloditas.
Porcos imundos não é redundância,
quando se trata da repugnância
causada pela infâmia dessa grei,
atroz adversária da lei.
Que mais dizer dessa plebe arrogante,
se todo argumento é irrelevante
para domar a bruta cavalgada
que só conhece o coice por medida?

DECÁLOGO DEL EXTRAVÍO

Los desquiciados se exacerban, provocativos.
Hay que darles prebendas a esos presuntuosos.
Los desfachatados, rufianes de turno,
se esmeran en procacidad.
Hay que tolerarles el desenfreno
e si posible aplaudir su soberbia.
Es más, cederles el paso porque apresurados
se precipitan en las encrucijadas,
Es más, si posible mimarles la patraña,
la cicatera mezquindad, la huraña perversión de trogloditas.
Los insidiosos disimulan sus tretas.
La triquiñuela es pareja del dislate en tenaz asedio.
Taimada riña sin armisticio.
Burla ubicua, befa omnímoda,

Bochornosa zorrería, bufonesca lacra.
Esa es la conducta avispada.
Agujiones listos, el alacrán como paradigma.
No hay que sentirse acorralado como los compasivos.
Urge apoderarse de los enseres,
al antojo de trapaza, a bandazos de expoliación.
Lo nefando nunca es puesto en duda.
¿Habrà galardones para el denuesto?
¿Por qué tanto empeño en esquilmar, en malversar?
¿Tanto ingenio en excederse?
¿Tanta fatuidad en depravarse?
¿Sería el desaire síntoma de adelanto?
La sorna seña de prosapia?
Litigar es infructífero.
El escamoteo es precepto.

MEUS DOIS AMIGOS

Meus amigos são dois mendigos que pedem pouco.
Não são dos mais higiênicos,
mas nos outros a sujeira é sobretudo espiritual.
São gentis, aproximam-se com delicadeza,
não são como esses ditadores
que jogam as camionetas contra os pedestres.
São alegres, sabem sorrir, apesar do estigma miserável.
A velhota toda emporcalhada pede esmola nas grandes avenidas.
Escancara a boca desdentada, num sorriso lúcido,
quando ganha um trocado
e sai arrastando os pés de aço no asfalto,
mais suja que um toco de carvão,
a faixa encardida amarrada ao tornozelo.
É vista, às vezes, fumando uma bagana,
trôpega pelas calçadas esburacadas.
De tão caduca, estende a mão a todos os carros em movimento.
Mas é a melhor pessoa da cidade, com certeza.
O outro é o preto que anda só com a perna direita.
Salta em perfeito equilíbrio sobre um lado do corpo,
mais ágil que o saci, a lata pululando moedas na única mão.
Mais risonho que qualquer bem-aventurado,
todo suado do esforço, debaixo de um sol de escaldar,
a falta do braço e da perna não o estorva,
ele consegue andar, correr e até subir no muro alto da esquina.

É, certamente, além da pessoa mais simpática,
a mais inteligente do país.
Meus amigos, seletos, são esses dois sobreviventes.
Como os admiro pela autenticidade!
Ingênuos, inocentes, arrastam com resignação a sentença do mundo.
Que diferença dos empedernidos
que envenenam de maus pensamentos a cidade!

RONDO PURGATIVO

Que merece essa gentalha feia
Que abusa da paciência alheia?
Cadeia.
Que prêmio é justo para a insensata
E malfeitora turba canalhocrata?
Chibata.
E a canalha inveterada de topete
Que ostenta pose de suspensório e colete?
Cacete.
Aos crápulas que fazem barulho de noite.
Que Satanás os acoite.
Açoite.
E os primatas dos tempos da cova,
por essa algazarra merecem que prova?
Sova.
Que remédio cura a palhaçada,
a pândega dessa corja safada?
Porrada.
Cadeia, chibata, cacete
é pouco pra esse cacoete.
Açoite, sova e porrada
para essa esculhambação não é nada.